

NOSSA OPINIÃO

/// Congresso ameaça votar projetos de grande impacto de despesa no Orçamento de 2014. O governo tem de negociar para evitá-los

A REFÊM DO CONGRESSO

O Orçamento-Geral da União de 2014 é, em termos políticos, o mais trabalhoso a ser definido desde o início do mandato de Dilma Rousseff. É o de maior potencial de conflitos. Disparado.

A economia combalida, que reduz a arrecadação tributária, e a gestão fiscal da União perdulária, que afeta até o superávit primário, não recomendam ao Congresso aprovar projetos que causarão impactos de despesas nas contas públicas. Mas eles existem, e alguns têm amplo apelo popular, portanto são apetitosos ao gosto dos parlamentares. Sobre tudo em clima pré-eleitoral.

Entre as matérias que tiram o sono do Executivo, uma prevê passe livre para estudantes no transporte público, que oneraria os cofres estatais em cerca de R\$ 13 bilhões. Outra é a PEC (proposta de emenda constitucional) que cria um piso nacional para policiais civis, militares e bombeiros, afetando as finanças estaduais. O acréscimo de gastos também seria de R\$ 13 bilhões.

Se o governo manobrar para a rejeição ou mesmo adiamento desses projetos, por certo sofrerá desgaste junto a parcelas da população e perante o Congresso – caso não haja boa negociação com parlamentares. Mas para os interesses eleitorais da presidente, antes assim do que ela ter de vetar mais matérias. O preço político seria alto.

Nesse cenário, a presidente da República é refém dos congressistas. Sobre tudo dos aliados, que têm força numérica para promover a rejeição de matérias, ou protelar votações. Para que isso aconteça, terá de agradá-los muito. Entre os mimos, imaginam-se nomeações na máquina burocrática. E passaria a ser dada como certa a aprovação do orçamento impositivo, que torna obrigatória a destinação de 1,2% da receita corrente líquida da União para emendas parlamentares: R\$ 8 bilhões em 2014.

Novas despesas seriam possíveis, se o governo gastasse menos. Como não o faz, espera-se que a presidente vete, sem titubear, a ampliação inconsequente de dispêndios, caso falhem as negociações para evitá-las. Seria inadmissível o esgarçamento das finanças públicas.



EU DIGO QUE...

“Mendigo não tem que votar. Mendigo não faz nada. Mendigo deveria virar ração para peixe”

José Paulo Carvalho de Oliveira Vereador da cidade de Pirai (RJ), durante discurso em que se dizia contra o voto de mendigos nas eleições

“Quando nos sentimos invadidos, julgamos que temos o direito de nos preservar, e de certa forma preservar a todos que, de alguma forma, não têm, como nós temos, o acesso à mídia, ao Judiciário, aos formadores de opinião”

Gilberto Gil Cantor, defendendo seu direito à privacidade e à intimidade, em relação à polêmica sobre as biografias não autorizadas

Haroldo Corrêa Rocha

É economista e ex-secretário estadual de Educação

/// É fundamental introduzir, de forma radical, todas as tecnologias digitais disponíveis na escola. Não há caminho de volta para a humanidade

Educação do futuro

A introdução das tecnologias digitais na área educacional é um tema controverso. Alguns veem as tecnologias como uma panaceia, ou seja, acham que equipamentos, internet e softwares educativos por si só farão a revolução na educação. Outros, com base em pesquisas que medem o impacto das novas tecnologias, acreditam que o efeito é muito pequeno e chegam até a atrapalhar a aprendizagem.

Visões tão díspares são normais, pois estamos num momento ainda inicial de introdução das tecnologias digitais no processo educativo. A polêmica cumpre um papel desafiador para os pesquisadores do processo de aprendizagem e para os gestores dos sistemas educacionais da educação básica.

Pessoalmente acredito que é fundamental introduzir, de forma radical, todas as tecnologias digitais disponíveis no âmbito escolar. Não há caminho de volta para a humanidade, todas as rotinas e relações do cotidiano das pessoas, das organizações públicas, privadas e não governamentais serão profundamente afetadas e transformadas pelas novas tecnologias digitais, sobretudo, pelos smartphones e internet. Pas-

saremos a ter escolas físicas e virtuais. As escolas não poderão se manter alienadas da realidade presente no cotidiano dos seus alunos.

Reproduzo aqui a visão de Erich Schmidt, presidente executivo do Google, e Jared Cohen, diretor do Google Ideias, exposta no livro “A Nova Era Digital – Como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios?” O mais importante pilar que sustenta a inovação e a oportunidade – a educação – passará por uma mudança tremendamente positiva nas próximas décadas, quando a expansão da conectividade redimensionará rotinas tradicionais e oferecerá novos caminhos para o aprendizado. (...) A educação se tornará uma experiência mais flexível, adaptando-se aos estilos e ritmos de aprendizado das crianças.

As mudanças estão em curso, mas não são percebidas por todos. As tecnologias e materiais educativos disponíveis já estão presentes no cotidiano de muitas escolas. Segundo Schmidt e Cohen, alguns professores estão até alterando a ordem natural de suas aulas, substituindo suas preleções em sala por vídeos que devem ser vistos depois da escola (como trabalho de casa) e usando o horário com os alunos para o dever de casa tradicional, como a resolução de problemas de matemática. O foco da educação passa a ser a resolução de problemas reais da sociedade, usando o conhecimento científico acumulado pela humanidade.

HÁ 50 ANOS

FOTO: PROJETO ACERVO DIGITAL / WWW.AGENCIAAG.COM.BR



Inauguração atrai jornalistas brasileiros e estrangeiros

A maior movimentação turística dos últimos tempos em nossa Capital aconteceu ontem por ocasião da inauguração da Companhia Ferro e Aço de Vitória. Jornalistas nacionais e estrangeiros estiveram presentes a todas as solenidades e ficaram hospedados nos melhores hotéis à custa da empresa inaugurada ontem. (Há 50 anos, o jornal não circulou nesse dia. Notícia publicada é da véspera).